



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



ESTUDOS DE GÊNERO:

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NAS RELAÇÕES DE PODER

Bruna Bejarano
Viviane Mocellin
(organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS

2021

VOL II



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição- Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comercial. A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisângela Abreu
Organizadoras	M. ^a Bruna Bejarano M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Imagem da Capa	Aklionka
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Carlos III de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima*
Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, *Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México*
Prof.^a Dr.^a Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*
Prof.^a Dr.^a Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, *Instituto Politécnico da Guarda, Portugal*
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, *Universidade São Francisco*
Prof.^a Dr.^a Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^a Dr.^a Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, *Universidade do Estado do Rio de Janeiro*
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*



Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas
 Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College*, USA
 Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha*, Espanha
 Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros
 Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid*, Espanha
 Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín*, Colômbia
 Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
 Prof.^a Dr.^a Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
 Prof.^a Dr.^a Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
 Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof.^a Dr.^a Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide*, Espanha
 Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodriguez, *Universidad Santiago de Compostela*, Espanha
 Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
 Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe
 Prof.^a Dr.^a Mar Garrido Román, *Universidad de Granada*, Espanha
 Prof.^a Dr.^a Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
 Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
 Prof.^a Dr.^a Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
 Prof.^a Dr.^a Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
 Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
 Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana "José Antonio Echeverría"*, Cuba
 Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
 Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
 Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
 Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
 Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
 Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
 Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
 Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
 Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
 Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
 Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
 Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
 Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
 Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná
 Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E82 Estudos de gênero [livro eletrônico] : mudanças e permanências nas relações de poder: vol. II / Organizadoras Bruna Bejarano, Viviane Carvalho Mocellin. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.
 Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 Edição bilíngue
 ISBN 978-65-87396-41-5
 DOI 10.37572/EdArt_140821415

1. Igualdade – Gênero – Brasil. 2. Mulheres – Condições sociais.
 I. Bejarano, Bruna. II. Mocellin, Viviane Carvalho.

CDD 305.42

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

A coletânea “**Estudos de gênero: mudanças e permanências nas relações de poder**” surgiu da sugestão de autores de variadas áreas do conhecimento que se dedicam à compreensão de como as relações de poder que se estabelecem socialmente entre “masculinidades” e “feminilidades” influenciam praticamente todos os aspectos da vida.

Dados do *World Economics Forum* (Forum Econômico Mundial), publicados em dezembro de 2019, demonstram que, globalmente, ao ritmo atual, serão necessários aproximadamente 100 anos para que se alcance a igualdade de gênero, que é um direito fundamental essencial para a consolidação dos Direitos Humanos. Por outro lado, os dados também apontam que a desigualdade é fator de atraso econômico e social, e que os países com maior igualdade de gênero são também os países com maior IDH: Islândia, Noruega, Finlândia e Suécia lideram a lista dos países com maior paridade.

No relatório, o Brasil aparece na 92ª no ranking global, e ocupa a 22ª posição entre os 25 países da América Latina e do Caribe. Ou seja, apesar dos avanços conquistados nas últimas décadas, ainda há um longo caminho a percorrer, razão pela qual decidimos coordenar a elaboração de um livro dedicado aos diversos modos como os papéis e características atrelados ao gênero ainda são fator de desequilíbrio no acesso à vida política, à participação econômica, ao direito à saúde e educação, enfim, ao lugar social das pessoas.

É uma honra para nós, da Editora Artemis, podermos presentear o leitor com o Volume II desta coletânea, que traz textos sobre o papel da arte na construção (e desconstrução) de conceitos normativos e estereotipados sobre identidade de gênero, sexualidade e sexo (Capítulos I e II), transexualidade feminina na condição de encarceramento (Cap.III), violência obstétrica no Brasil (Cap. IV), liderança feminina e desigualdade de gênero no contexto organizacional (Cap. V) e, finalmente, dois relatos de estudos sobre relações e percepções de gênero no contexto educacional (Cap. VI e VII). Todos estes estudos contribuem para uma melhor compreensão das práticas sociais que atribuem papéis e identidades distintos a seus diferentes membros e como estas práticas estão ligadas às relações de poder e desigualdade.

Desejamos a todos uma proveitosa leitura!

Bruna Bejarano
Viviane Carvalho Mocellin

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O.R.G.I.A, UN CUERPO ARTÍSTICO DE TRES CABEZAS: *LAS TENDENCIAS FEMINISTAS Y QUEER COMO FORMACIÓN EN NUEVAS EXPRESIONES ARTÍSTICAS*

[Bartolomé Palazón Cascales](#)

[Leticia Fayos Bosch](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214151

CAPÍTULO 2..... 12

TRANSFOBIA E SUJEITO TRANS: UMA ANÁLISE LÉXICO-DISCURSIVA EM “BIXA TRAVESTI”

[Dina Maria Martins Ferreira](#)

[Ikaro César da Silva Maciel](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214152

CAPÍTULO 3.....25

FEMINILIDADES TRANS E CÁRCERE: A HISTÓRIA DE UM PROJETO

[Rosalice Lopes](#)

[Giovanna Loubet Ávila](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214153

CAPÍTULO 4..... 39

VIOLENÇA OBSTÉTRICA NO BRASIL: CONCEITO, MOTIVAÇÕES E AS RECOMENDAÇÕES PARA PREVENÇÃO E COMBATE

[Anne Luise Pontes Cordovil](#)

[Dorinethe dos Santos Bentes](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214154

CAPÍTULO 5..... 48

TRAJETÓRIAS DE MULHERES LÍDERES DE DIFERENTES RAÇAS E NÍVEIS HIERÁRQUICOS

[Lucimar dos Santos Reis](#)

[Luciana Mourão](#)

DOI 10.37572/EdArt_1408214155

CAPÍTULO 6..... 68

GÊNERO E EDUCAÇÃO, NA ESCUTA DOS ADOLESCENTES UM APRENDIZADO

José Heleno Ferreira

Gabriel Henrique Duarte

Lorena Rodrigues de Souza

Maria Inês da Silva

Marília Fraga Cerqueira Melo

Michele Mariano Rodrigues

Nilmar José da Silva

Sabrina Brombim Zanchetta

DOI 10.37572/EdArt_1408214156

CAPÍTULO 7 93

**SENTIDOS ATRIBUÍDOS À SEXUALIDADE E GÊNERO POR PROFESSORES DE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA CIDADE DO RECIFE**

Marina Magalhães de Andrade Lima

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas

DOI 10.37572/EdArt_1408214157

SOBRE AS ORGANIZADORAS..... 105

ÍNDICE REMISSIVO 106

CAPÍTULO 1

O.R.G.I.A, UN CUERPO ARTÍSTICO DE TRES CABEZAS: LAS TENDENCIAS FEMINISTAS Y QUEER COMO FORMACIÓN EN NUEVAS EXPRESIONES ARTÍSTICAS

Data de submissão: 30/05/2021

Data de aceite: 18/06/2021

Bartolomé Palazón Cascales

Unidad predepartamental BB. AA.
Universidad de Zaragoza
Teruel, España

Leticia Fayos Bosch

Unidad predepartamental BB. AA.
Universidad de Zaragoza
Teruel, España

RESUMEN: La creación artística de O.R.G.I.A, un grupo artístico formado por Beatriz Higón, Carmen Muriana y Tatiana Sentamans, comienza su andadura en el año 2001. Se autodenominan feministas y *queer*, y sus trabajos giran en torno a cuestiones de género, sexo y sexualidad. En su producción artística ha empleado la performance, el vídeo, la escultura, el dibujo y la ilustración, definiéndose como un equipo multidisciplinar a la hora de desarrollar todo un repertorio transgresor de mitologías, imágenes y símbolos. Con un marcado carácter político, un claro objetivo reivindicador y un fuerte espíritu de lucha y crítica, persiguen la disolución de los conceptos normativos y estereotipados en cuanto a género, sexualidad y sexo se refiere, huyendo de las etiquetas y categorías estancas.

PALABRAS CLAVE: Arte. Identidad. Género. Queers. Feminismo.

O.R.G.I.A, A THREE-HEADED ARTISTIC BODY: *FEMINIST AND QUEER TRENDS AS TRAINING IN NEW ARTISTIC EXPRESSIONS*

ABSTRACT: The artistic creation of O.R.G.I.A, an artistic group formed by Beatriz Higón, Carmen Muriana and Tatiana Sentamans, began its journey in 2001. They call themselves feminists and queer, and their works revolve around issues of gender, sex and sexuality. In their artistic production, they have used performance, video, sculpture, drawing and illustration, defining themselves as a multidisciplinary team when it comes to developing a transgressive repertoire of mythologies, images and symbols. With a marked political character, a clear claiming objective and a strong spirit of struggle and criticism, they pursue the dissolution of normative and stereotyped concepts regarding gender, sexuality and sex, fleeing from sealed labels and categories.

KEYWORDS: Art. Identity. Gender. Queers. Feminism.

1 INTRODUCCIÓN

El grupo artístico O.R.G.I.A que presentamos en este artículo, es un ejemplo de beligerancia didáctica, activismo investigador

y catarsis estética, ya que sus intervenciones, talleres y toda su trayectoria, está marcada por una identidad trans, feminista y queer. La intención de este grupo artístico es descomponer, en cierto modo, el establishment artístico y los roles identitarios que circundan al mundo académico, artístico y social. Mediante talleres, exposiciones, performance y múltiples publicaciones, integran un corpus investigador y creativo que conforma el particular universo O.R.G.I.A, un interés constante de las relaciones entre historia, género, poder y sexualidad que veremos presentes en sus proyectos artísticos.

En ese sentido, entre las cuestiones que persiguen destacan la conquista de derechos civiles, la necesaria visibilidad de prácticas y colectivos, estigmatizados y discriminados, o la imperante influencia de la política, la religión y el estado en la sociedad, tratado desde el punto de vista foucaultiano.

La función social del museo, como contenedor y fuente de cultura y saber, será cuestionado e invertido, o la referencia a sociedades antiguas, como la egipcia, servirán como referente estético y cultural para alguno de sus proyectos subversivos y bastardos con la clara intención de remover las bases y preceptos de estas instituciones tan anquilosadas. (Figura 1)

Figura 1. *Follarse la ciudad*, 2009. Art project, técnica mixta, 34 x 67,5 x 51,5 cm.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

Entre las diferentes críticas que abordan en sus obras, destaca el taller *Bastos, copas, oros, espadas y dildos*, que pretende visualizar los vicios y prejuicios de la sociedad “clásica” patriarcal española, marcada por una clara herencia franquista. Otro de sus trabajos, *Flori-cultura subversiva*, surge en contra de la construcción de una sexualidad sólo enfocada a la reproducción y se abordan cuestiones como la representación sexual, la reproducción o la construcción de géneros estáticos y restrictivos, haciendo paralelismo entre sexualidad animal y humana.

En este artículo visitaremos algunos de sus proyectos, talleres e investigaciones, con el fin de construir un itinerario a través de su obra como reflejo de la realidad que supone O.R.G.I.A.

2 EL DRAG COMO HERRAMIENTA PLÁSTICA PARA LA CREACIÓN POLÍTICA

O.R.G.I.A emplea el Drag como recurso metodológico en varias de las series realizadas a lo largo de su andadura artística, como la *Serie verde* (2005) o la *Serie blanca* (2004). En dichas series emplean el término Drag para interpretar, mediante performance, la masculinidad promocionada durante el tardofranquismo (Torr, D, Bottoms, S 2010). Lo usaron como crítica contra la naturalización de esta construcción social, que en España se tradujo con la figura del padre de familia o cabeza de familia, o del “donjuanismo” de los años 60 y 70, cuyas libertades justificaban el empleo de la violencia. (Figura 2)

Figura 2. Fragmento de *Serie verde*, 2004. Lambda RC s/aluminio, varias dimensiones, edición (5).



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

En su último proyecto MNH, el Drag emana durante la creación de la pieza *Egyptian First. Revisión del Loto Abierto 2014*, haciendo una clara referencia a la estigmatización de la masculinidad en el cuerpo de la mujer y el poder. (Figura 3)

Figura 3. *Horus y Apep* [cinturón funerario para petite mort], 2014. Latón, cuero, metacrilato y hierro, 54,5 x 62 x 12,5 cm.

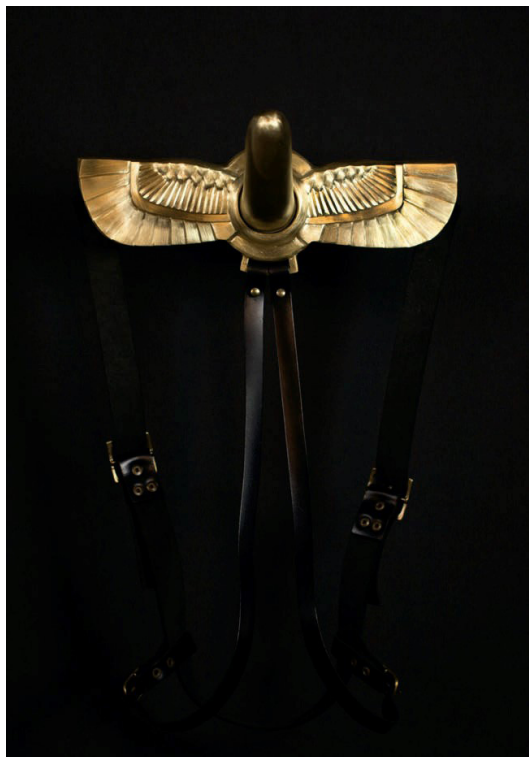


Imagen cedida por O.R.G.I.A.

3 BASTOS, COPAS, OROS, ESPADAS Y DILDOS. EN BUSCA DEL QUINTO NAÍPE EN LA BARAJA ESPAÑOLA

El proyecto *Bastos, copas, oros, espadas y dildos*, aparece como una crítica a la dictadura franquista y a los medios de comunicación de la época que, a través del celuloide, muestran el poder con películas con gran carga moralista. Actúan como fetiches narrativos del trauma que suministra el propio régimen, el miedo a la mujer autónoma se refleja ridiculizando su sexualidad. Además, el proyecto pone en duda la escasa crítica y reflexión acerca de cómo se educa todavía actualmente.

En esta época de dictadura, la doctrina de la iglesia ejercía la represión sexual ante sus fieles. Periodo en el que el patriarcado nacional primaba por encima de cualquier deseo y en el que se veía a la mujer como medio de reproducción y la maternidad como

la definición de feminidad. La mujer no era femenina si no paría (VV. AA. Atlas Fidex 2017). El cuerpo en este periodo aparece sexualizado por interés de poderes. Sólo se centra en los genitales, no hay más posibilidad: vagina mujer, pene hombre.

O.R.G.I.A, en este proyecto, adquiere una hibridación a través del travestismo. Ejercen un estilo “Manolo” para después poder quemar y destruir dicho estilo. Así pues, a través de los modelos de la baraja de cartas mostrarán aficiones típicas de la masculinidad: la chulería y violencia a través de las espadas, la incultura con los bastos de la baraja, la demostración y la ostentación del poder económico a través de los oros y la afición a los bares, de una gran parte de hombres, con las copas.

Bastos, copas, oros, espadas y dildos combina el aspecto lúdico que implica el travestismo con una intención política mediante la parodia performativa, ejerciendo roles, señalando su lenguaje, citando códigos y alterándolos. Subvirtiendo y evidenciando que la masculinidad es el resultado de una construcción sociocultural y que tiene una lectura política que se incardina en el mismo cuerpo (Figura 4), siendo constitutiva de la misma subjetividad, del pensarse a sí mismo, de las nociones de identidad que nos creamos sobre la base del trauma que generó el franquismo y cuyos opresores, en palabras de O.R.G.I.A, “nos llegan filtrados tres décadas después” (O.R.G.I.A, 2005).

Figura 4. *Paquito al Servicio de España*, 2005.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

4 FLORI-CULTURA SUBVERSIVA

Flori-cultura subversiva es un proyecto largo y con constantes cambios que no ha cesado de reproducirse en diferentes ámbitos como el performativo o el happening sonoro, así como en conferencias y muralismo. Desde las diferentes perspectivas, aborda diversas experiencias vividas de opresión social y política que conforman identidades fluctuantes e inestables.

Flori-cultura se deshace de las visiones de la modernidad, así como de sus representaciones. O.R.G.I.A propone desobediencia visual con un enfoque político y una metodología que pretende alejarse de lo determinado, a través de las narrativas que han sido excluidas a lo largo de los años en el mundo occidental como las narrativas feministas y queer (Halperin, 2002). Partiendo de la naturaleza, realizan una interpretación de los órganos sexuales de forma múltiple, apropiándose de la clasificación dada por los naturalistas europeos del s. XVIII. El grupo adopta la representación de la historia natural, tanto a nivel oral como en sus diferentes manifestaciones artísticas utilizadas.

En su primer happening sonoro, realizado en la Fundación Ortega y Gasset, introducen una serie de ilustraciones de flores realizadas por ellas mismas y donde el colectivo emitía sonidos desde el balcón de la fundación. Criticando, de esta forma, el marco idílico del jardín relacionado con el amor cortés. O.R.G.I.A utiliza el jardín como un laboratorio (Figura 5), como un lugar donde se realiza la acción para dar visión a las sexualidades subversivas.

Figura 5. *Flori-cultura subversiva*, 2007. Instalación y happening sonoro, medidas y duración variables Jardines Sonoros. La Noche en Blanco de Madrid. Fundación Ortega y Gasset, Madrid.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

El siguiente acto que realizan es el de reapropiarse de la imagen de “mujer bicha” para pasar a ser una representación ruidosa, transgresora e incómoda para el patriarcado a través de la performance (VV. AA. *Barbarismos queer* y otras esdrújulas, 2017).

En otra instancia, el colectivo, imita a la enciclopedia introduciendo una serie de conceptos a los que le otorga creencia. Clasifican, nombran y redefinen los objetos naturales de forma provocativa. Además este proceso se apoya en una serie de ilustraciones botánicas de flores plurisexuales. Cada flor es una “micro-pasión política” como bien dice la feminista Beatriz Preciado. Con todo este proyecto, el grupo pretende jugar con el doble sentido entre la cultural y lo genital, desestigmatizando lo “correcto” para crear nuevos conceptos (Romero Caballero, 2017) (Figura 6).

Figura 6. *Flori-cultura subversiva*, 2013. Instalación medidas variables. Poéticas o prácticas ecofeministas... o cómo salirse del guión. MICGénero, Centro Cultural de España en México (Embajada España), México D.F.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

5 BAJO LOS FONDOS DE LA PIRÁMIDE INVERTIDA

Como el propio nombre indica, *Bajo los fondos de la pirámide invertida* es una muestra de lo oculto y lo prohibido. Esta exposición nos adentra en una cámara funeraria donde nos esperan todo una serie de elementos del Antiguo Egipto remasterizados y sexualizados. Dildos, prótesis, masturbaciones entre sirvientas,

flores de loto convertidas en vulvas, son algunos de los artilugios que se encuentran en este proyecto. No tratan de reactivar los modelos del pasado, sino de darles vida en el presente y el futuro, empleando el mismo tipo de materiales que utilizaban en el Antiguo Egipto para la realización de las piezas. El proyecto materializa lo oculto a la largo de los años a través de capiteles y elementos de ajuar funerario. Llevan el arte de Egipto al plano de la sexualidad y los elementos eróticos para así deconstruir el binomio género-sexo.

En su trabajo parten de la imaginería egipcia para recrear nuevos artefactos, que cuentan las partes de la historia que nunca han sido narradas y éstas quedaron ocultadas a lo largo de la misma. (Figura 7)

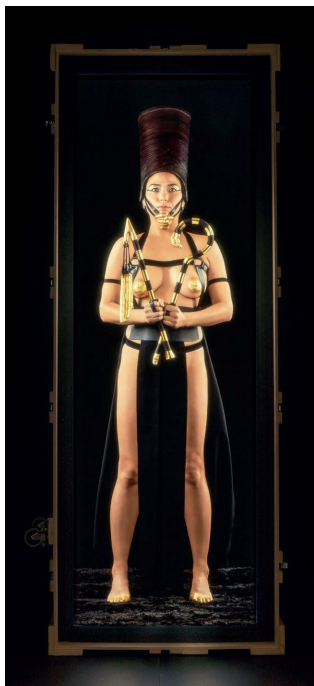
Figura 7. *Walk Like An Egyptian*, 2017-2018. Caliza y hierro, 50 x 60 x 11,5 cm.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

Cabe destacar entre todas las piezas expuestas *La Faraona*, en la que O.R.G.I.A materializa a Haptsheput, faraona del Alto y Bajo Egipto, la cual adoptó todos los atributos masculinos de faraón para demostrar su poder político (Figura 8 y 9).

Figura 8. Imagen izquierda. *La Faraona* [sarcófago], 2017-2018, fotografía digital a color sobre duratrans siliconado tras metacrilato, caja de luz y caja de transporte, 234 x 97 x 28 cm.



Imágenes cedidas por O.R.G.I.A.

En una entrevista realizada a O.R.G.I.A., y que figura en el catálogo de este proyecto, el grupo ubica la cuna del Drag en el antiguo Egipto, debido a la exageración de la construcción de los roles de género. La ostentación de los artificios de los que disponía el faraón para mostrar su alto poder al pueblo, las largas pelucas y barbas, las faldas faraónicas, son todos elementos que hacen recordar el término “drag”. (VV.AA. *En los bajos de la Pirámide Invertida* 2019).

Singularidad especial cobra el concepto de luz en este proyecto. La intensidad de la luz y su utilización focal y en penumbra es manejada para dar sensación de solemnidad y embrujo. (Figura 9)

Figura 10. *Daga para petite mort* [Ajuar funerario para petite mort], 2010-2017. Latón, alabastro, cuero y metacrilato, 54,5 x 62 x 12,5 cm.



Imagen cedida por O.R.G.I.A.

O.R.G.I.A afirma en dicha entrevista, realizada por los dos comisarios de la exposición, que:

"no nos interesa tanto sembrar la duda sobre el objeto, sino sobre la historia, sobre cómo se construye. No queremos darle a nuestra obra esa pátina de objeto antiguo de época y hacerlo pasar por bueno. La metodología que usamos en este proyecto radica más en sembrar la duda sobre la historia que conocemos para que la gente se cuestione si todo lo que sabemos es lo que "realmente" ha pasado, o "todo" lo que ha pasado. Y crear piezas que exciten la imaginación. El objeto en sí mismo nos sirve para contar otras historias posibles. Nuestras piezas son ante todo dispositivos generadores de pensamiento crítico." (VV.AA. En los bajos de la Pirámide Invertida 2019).

A lo largo de todo el proyecto, el cuerpo aparece reiterativamente, pero no se puede circunscribir a nadie ya que los dildos y dedos pueden ser de cualquiera, resaltando así cuestiones como el género, sexo y sexualidad, pero también temas como el sistema de casta, el racismo o el flujo migratorio.

6 CONCLUSIÓN

O.R.G.I.A surge como una necesidad de sus creadoras frente a las imposiciones académicas, didácticas y sociales a las que, por fuerza, hay que poner en duda y

reformular. Para ello, han construido un universo creativo y estético particular que les ha permitido llevar a cabo una investigación constante, sostenida y creciente en el tiempo, como demuestra su dilatada trayectoria como grupo artístico e investigador.

Bases, dogmas y creencias, tanto religiosas, científicas o sociales como académicas, son dinamitadas y exploradas de nuevo, proponiendo narraciones en clave pospornográfica que permita la re-sexualización y repolitización de los cuerpos, y poder apropiarse de ellos. Las imágenes, los espacios y las acciones se convierten en sus armas de guerra para la lucha feminista y trans. Utilizan recursos con tintes de humor y realizan una arqueología de la sospecha que les permita repensar todo lo existente, generar un pensamiento crítico y construir un relato más rico, transversal e inclusivo y, por lo tanto, menos sesgado.

O.R.G.I.A “casi siempre busca la hibridación, la mutación y la confusión”. En su último proyecto busca el “mestizaje movido por la diáspora y la migración”.

El placer no es productivo, por eso se ve como algo negativo, ya que no genera riqueza ni poder. Sin embargo, sí produce una sociedad más hedonista, menos controlable y, a la vez, más libre. Por eso el placer siempre se ha querido limitar, restringir o someter, para así poder ejercer el poder sobre los pueblos y sus individuos. De ahí el interés en dominar el cuerpo, sobre todo el femenino, para controlar la reproducción, y con ello conseguir la mercantilización y la objetualización del cuerpo femenino. (VV. AA El aula invertida, 2015)

BIBLIOGRAFÍA

Halperin, David. (2002) *How to do the History of Homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press Books, pp. 15-16.

ORGIA. (2005) Bastos, copas, oros, espadad, y dildos. Los reyes de la Baraja Española. Valencia. Universitat de Valencia.

Romero Caballero, Belén. (2017) “Flori.culturas subversivas. Maniobras ecológicas desde el Sur re-existente” [SUBVERSIVE FLORI.CULTURES. Ecological manoeuvres from the re-existing South]”; en *Re-visiones*, vol. 7, Universidad Complutense de Madrid. Versión íntegra en castellano y en inglés [última consulta 15/01/2017].

Torr, D. Bottoms, S. (2010) *Sex, Drag, and Male Roles: Investigating Gender as Performance (Critical Performances)*. The University of Michigan Press.

VV. AA. (2015) El aula invertida. Estrategias pedagógicas y prácticas artísticas des de la diversidad sexual. Alicante. Fundación La Posta. ISBN: 978-84-617-2865-7.

VV. AA. (2017) Barbarismos queer y otras esdrújulas. Barcelona. Edicions Bellaterra. ISBN: 978-84-7290-829-1.

VV. AA. (2017) Figuras del exceso, políticas del cuerpo. Atlas Fidex. Alicante. Universidad Miguel Hernández de Elche. ISBN: 978-84-16024-71-1.

VV. AA. (2019) En los bajos de la Pirámide Invertida. Murcia. Centro Puertas de Castilla y Ayuntamiento de Murcia ISBN: 978-84-16710-54-6

SOBRE AS ORGANIZADORAS

BRUNA BEJARANO - Bacharel em Ciências da Comunicação - Jornalismo (2012) e Bacharel em História da Arte (2018), ambos pela Florida International University (Miami) e Mestre em Educação para as Artes pela Florida University (Gainesville). Tem mais de 10 anos de experiência profissional como comunicadora de massa, apoiando e coordenando uma ampla variedade de atividades relacionadas à mídia e marketing em empresas como Baptist Health South Florida, Grupo KSG, GMG Marketing Company, Museu Rubell e Borboleta Music. É Diretora de Criação da Coffee Table Productions e Editora de Arte da Editora Artemis.

VIVIANE CARVALHO MOCELLIN - Mestre em Engenharia da Produção com ênfase em Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Especialista em Gestão Industrial (UTFPR). Graduada em Psicologia (Universidade Internacional da Flórida), Direito (PUC-PR) e Letras Português-Inglês (UTPR). Atualmente, é sócia-administradora da empresa Mocellin Assessoria Pedagógica Ltda. e Editora Executiva da Editora Artemis.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 68, 70, 72, 91, 96

Arte 1, 8, 22

Autoritarismo médico 39, 43

D

Direito e saúde 39

Discriminação 29, 31, 35, 37, 48, 49, 52, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 72, 74, 77, 84, 90, 98

E

Educação 50, 52, 53, 65, 67, 68, 71, 75, 80, 83, 84, 88, 89, 90, 91, 94, 95, 102

F

Feminismo 1, 23, 29, 37, 66, 90, 103

Formação em Psicologia 93, 96, 98, 103

G

Gênero 1, 2, 8, 9, 10

Gênero 12, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Gênero e sexualidade 74, 91, 93, 96, 103, 104

I

Identidad 1, 2, 5

Identidade de gênero 12, 14, 17, 20, 21, 30, 37, 79, 83, 88, 91, 99

M

Mulheres líderes 48, 49, 53, 58, 63, 65

P

Práxis social 12, 14, 15, 22

Prisões 25, 29, 30, 31, 34, 37

Q

Queers 1

R

Raça 27, 48, 49, 51, 52, 55, 58, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 82, 88

T

Teoria Queer 91, 93

Trajetória profissional 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Transexualidade feminina 25, 33

Transfobia 12, 14, 15, 16, 18, 22, 23

Transgênero 12, 16, 17, 23, 99

V

Violência obstétrica 39, 40, 42, 41, 44, 46, 47



**EDITORA
ARTEMIS**